

17. RESUMOS: EIXO 4 – AVENTURA, DIVERSIDADES E INCLUSÃO

SUPORTES E BARREIRAS PARA O SURFE PRATICADO POR MULHERES

Paula Cristina da Costa Silva^{1, x}, Ananda Carvalho Cola¹, Mariana Zuaneti Martins¹
(¹Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari, 514 Goiabeiras, Vitória - ES, 29075-910, Brasil; ^xpaula.silva@ufes.com)

O surfe é um dos esportes de aventura na natureza (MARINHO, 2017) que está cada vez mais presente na vida de pessoas que buscam “adrenalina” e contato com o mar. Entretanto a participação feminina é menor que a masculina e essa defasagem pode ser notada na visibilidade das mulheres na mídia e em torneios de surfe. Diante dessa constatação, realizou-se uma pesquisa qualitativa-exploratória que teve como objetivo traçar o perfil das surfistas e investigar quais fatores se colocam como suportes e barreiras para a prática do surfe por mulheres na região da Grande Vitória/ES. A metodologia adotada foi a pesquisa de campo (MARCONI E LAKATOS, 2003) com coleta de dados realizada com um formulário eletrônico validado a partir dos pressupostos de Santos e Gheller (2012). A coleta teve início em junho e foi finalizado em julho de 2021, após realizarmos contato com as mulheres que surfam na região. Para encontrarmos as participantes contamos com uma rede de contato existente entre as praticantes, esse mecanismo que funcionava via redes sociais, não serviu somente para que elas indicassem umas às outras o formulário da pesquisa, mas também para o contato cotidiano entre as surfistas que a utilizavam para obter informações sobre os melhores picos, organização para surfar juntas, pegar carona, etc. Participaram desse estudo 35 mulheres surfistas, com idade igual ou superior a 18 anos, todas residentes da região da Grande Vitória. Adotou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para interpretação dos dados. Os resultados mostraram que se trata de um grupo heterogêneo, no que tange à relação com o surfe. A maioria das surfistas começou a praticar surfe entre os 10 e 30 anos, influenciadas por familiares, amigos, admiração pela modalidade e curiosidade. A prática é predominantemente recreativa para todas, o que corrobora ao cenário por elas relatado de ausência de competições. A frequência semanal de surfe é limitada para muitas devido a obstáculos como falta de tempo, responsabilidades domésticas e financeiras, além da discriminação e intimidação percebidas no ambiente masculino predominante nas praias, questões que evidenciam as distintas oportunidades proporcionados pelas relações de gênero. A análise das experiências das surfistas mulheres revelou a diversidade de estratégias que elas empregam para lidar com as situações encontradas no cotidiano e contestar seu status marginalizado. As surfistas enfrentam desafios para poderem surfar. Enquanto os surfistas homens são percebidos como tendo prioridade nas ondas e diferenciam as mulheres na água. O “localismo”, articulado ao machismo, ainda é um grande obstáculo que é negociado com o apoio advindo da comunidade. No entanto, esse apoio não aparece como suficiente para matizar as relações assimétricas de gênero. Embora o aumento da participação feminina esteja acontecendo dentro do surfe, ainda são necessárias ações. As surfistas destacaram diversas estratégias para esse aumento continuar, como o incentivo, a união entre as mulheres, ações, eventos e mais respeito. Para elas, para promover o surfe feminino no Espírito Santo são necessários incentivos, mais competições e eventos dedicados, e, sobretudo, a união entre as mulheres, investimento financeiro e visibilidade.

Palavras-chave: Esporte; Gênero; Esportes de aventura na natureza.

REFERÊNCIAS



BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, A. **Atividades físicas e esportivas e meio ambiente**. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano 2017. Disponível em: <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Físicas-e-Esportivas-e-Meio-Ambiente.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTOS, S. G.; GHELLER, R. G. Construção e validação de instrumentos para coleta. In: SANTOS, S. G. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. p. 195-206.